

# **POR UMA EDUCAÇÃO CRÍTICA E TRANSFORMADORA: EM DEFESA DA PEDAGOGIA HISTÓRICO-CRÍTICA E DA EMANCIPAÇÃO DA PRÁTICA DOCENTE**

HAVING A TRANSFORMING AND CRITICAL EDUCATION: FIGHT FOR HISTORIC-CRITICAL PEDAGOGY AND THE EMANCIPATION OF THE TEACHING PRACTICE

*POR UNA EDUCACIÓN CRÍTICA Y TRANSFORMADORA: EN DEFENSA DE LA PEDAGOGÍA HISTÓRICO-CRÍTICA Y DE LA EMANCIPACIÓN DE LA PRÁCTICA DOCENTE*

**Desiré Luciane Dominschek**

Doutoranda em Educação pela Universidade Estadual de Campinas – UNICAMP

**Wilson da Silva**

Doutorado em Filosofia e História da Educação pela Universidade Estadual de Campinas – UNICAMP

**Daniela Moura Rocha de Souza**

Doutora em Educação pela Universidade Estadual de Campinas - UNICAMP

## **RESUMO**

A discussão realizada neste texto analisa fenômenos essenciais em torno das bases da Pedagogia Histórico-Crítica como elemento de avanço científico no campo educativo e escolar. A concepção de educação denominada Pedagogia Histórico-Crítica vem sendo articulada desde 1979, e em 1991, o Prof. Saviani apresenta a obra Pedagogia Histórico-Crítica: Primeiras aproximações, firmando o significado, como o próprio título indica, destas primeiras aproximações com uma educação crítica e transformadora, e que tem como fio condutor o conceito de “modo de produção”. Os debates expressavam a hegemonia do pensamento progressista, no âmbito das discussões teóricas. A obra situa-se no materialismo histórico como base teórica, firmando-se como teoria que busca captar o movimento objetivo do processo histórico e uma vez que concebe o homem através do materialismo histórico-dialético, trata-se de uma superação de teorias que não valorizam os cotidianos da prática social. A Pedagogia Histórico-Crítica prioriza o domínio dos conteúdos científicos, os métodos de estudo, habilidades e hábito de raciocínio científico como modo de formar a consciência crítica face à realidade social, instrumentalizando o homem como sujeito da história, apto a transformar a sociedade e a si próprio.

**Palavras-Chave:** Pedagogia Histórico-Crítica. Avanço científico. Aproximações.

## **ABSTRACT**

The analysis within the following study looks upon the essential phenomena regarding the Historic-Critical Pedagogy as a school and educational scientific advance. The concept of Historic-Critical Pedagogy has been used since 1979, and in 1991 professor Saviani presented the book Historic-Critical Pedagogy: First approaches, demonstrating such approaches as a transforming and critical education, which has as its core the “production mode”. The debates show the hegemony of the progressive thinking within the theoretical discussions. The book finds itself within the historical materialism as the theoretical basis, which tries to seek the objective movement of the historical process. Such theory conceives MAN through the dialectic-historical materialism, which overcome the theories that do not value the daily social practice. The Historic-Critical Pedagogy prioritizes the scientific contents, study methods, abilities and the scientific thinking habit

as a way to form the critical awareness regarding the social reality by using MAN as a an important player in history who is able to transform society and himself.

**Key words:** Historic-Critical Pedagogy. Scientific advance. Approaches.

### RESUMEN

El debate realizado en este texto analiza los fenómenos esenciales en las bases de la Pedagogía Histórico-Crítica como un elemento de progreso científico en el campo de la educación y escolar. La concepción de educación denominada Pedagogía Histórico-Crítica política se articula desde 1979, y en 1991, el Prof. Saviani presenta la obra Pedagogía Histórico-Crítica: Primeras aproximaciones, fijando el significado, como su título indica, de estas primeras aproximaciones con una educación crítica y transformadora, y que tiene como base el concepto de "modo de producción". Los debates expresaban la hegemonía del pensamiento progresista, en el contexto de los debates teóricos. La obra se encuentra en el materialismo histórico como base teórica, fijando como una teoría que pretende capturar el movimiento objetivo del proceso histórico, y una vez que concibe al hombre a través del materialismo histórico-dialéctico, esto es una superación de teorías que no valoran los cotidianos de la práctica social. La Pedagogía Histórico-Crítica prioriza el dominio de los contenidos científicos, los métodos de estudio, habilidades y hábitos de razonamiento científico como modo de formar la conciencia crítica frente a la realidad social, dotando al hombre como sujeto de la historia, capaz de transformar a la sociedad y a sí mismo.

**Palabras-Clave:** Pedagogía. Histórico-Crítica. Avanzo científico. Acercamiento.

### INTRODUÇÃO

A discussão realizada neste texto busca analisar elementos essenciais em torno das bases da Pedagogia Histórico-Crítica<sup>1</sup>.

A concepção de educação denominada Pedagogia Histórico-Crítica vem sendo articulada desde 1979, e em 1991, o Prof. Saviani apresenta a obra Pedagogia Histórico-Crítica: Primeiras aproximações, pela editora Autores e associados, firmando o significado

---

<sup>1</sup> Marsiglia e Socorro(2008) em comunicação publicada no Educere na PUC-PR expõem as iniciativas em torno de uma pedagogia marxista. Os autores colocam que se iniciam discussões na primeira turma de doutorado da PUC-SP, em 1979, e avançam em termos de sistematização com a publicação do texto “Escola e Democracia: para além da teoria da curvatura da vara”, publicado na revista da ANDE, em 1982. Esse texto integra a obra “Escola e Democracia”(2001), lançada em 1983, onde Saviani faz um diagnóstico das principais teorias pedagógicas, seus limites e contribuições, denuncia a escola nova como antidemocrática, reacionária e pseudocientífica e delinea as características de uma nova teoria pedagógica que esteja articulada com as classes populares. A concepção de educação denominada Pedagogia Histórico-Crítica vem sendo articulada desde 1984 e em 1991, o Prof. Saviani apresenta a obra Pedagogia Histórico-Crítica: Primeiras aproximações, pela editora Autores e associados, firmando o significado como o próprio título indica destas primeiras aproximações com uma educação crítica e transformadora, e que tem como fio condutor o conceito de “modo de produção”. Os estudos da obra apresentam o contexto de debates pedagógicos que acontecem na década de 80 do século XX. Os debates expressavam a hegemonia do pensamento progressista, no âmbito das discussões teóricas. A obra analisa o pensamento da esquerda, e sua manifestação através do marxismo. Segundo Saviani(1994), nesta obra apresenta-se a luta contra as formas de “modismo marxista”, que implica uma adesão acrítica e, por vezes, sectária, a esta corrente de pensamento. A obra situa-se no materialismo histórico como base teórica.

como o próprio título indica destas primeiras aproximações com uma educação crítica e transformadora, e que tem como fio condutor o conceito de “modo de produção”.

Os estudos da obra apresentam o contexto de debates pedagógicos que acontecem na década de 1980 do século XX. Os debates expressavam a hegemonia do pensamento progressista, no âmbito das discussões teóricas. A obra analisa o pensamento da esquerda, e sua manifestação através do marxismo. Segundo Saviani (1994), nesta obra apresenta-se a luta contra as formas de “modismo marxista”, que implica uma adesão acrítica e, por vezes, sectária a essa corrente de pensamento. A obra situa-se no materialismo histórico como base teórica, firmando-se como teoria que busca captar o movimento objetivo do processo histórico, uma vez que concebe o homem através do materialismo histórico-dialético, portanto, trata-se da superação de teorias que não valorizam os cotidianos da prática social. Esta concepção busca a emancipação intelectual do professor, do aluno, do pensar e do fazer no processo educativo.

A Pedagogia Histórico-Crítica prioriza o domínio dos conteúdos científicos, os métodos de estudo, habilidades e hábito de raciocínio científico como modo de formar a consciência crítica face à realidade social, instrumentalizando o homem como sujeito da história, apto a transformar a sociedade e a si próprio.

Será esta uma pedagogia ou concepção Educacional que pode ser traduzida como ação revolucionária na escola? Entendemos que sim, e, ao longo deste texto, faremos a argumentação quanto a nossa afirmação.

Apresentamos as bases P.H.C<sup>2</sup>, a partir dos referenciais teóricos de Saviani<sup>3</sup>, Duarte, Lombardi, Marx, Gramsci e de intelectuais que tem se apoiado nesta concepção educacional para debater a educação, e demonstrar o quanto ela é necessária para a transformação social.

O propósito deste texto é debater o referencial teórico à luz da Pedagogia Histórico-Crítica analisando o avanço científico e teórico deste referencial frente à emancipação educacional e escolar.

---

<sup>2</sup> A partir deste trecho do texto iremos nos referir à **Pedagogia Histórico-Crítica** através da sigla: **P.H.C**

<sup>3</sup> Cabe destacar que o Professor Saviani é um intelectual que insere o debate sobre uma pedagogia marxista no Brasil enquanto construção coletiva. Em 1984 inicia suas investigações sobre “Pedagogia Histórico Crítica”, um estudo de educação escolar em seu desenvolvimento histórico, tendo como referência o conceito e o fato do trabalho social. Para verificar e aprofundar a caminhada acadêmica do Prof. Saviani ver: **Dermeval Saviani: pesquisador, professor e educador** – obra organizada por Diana Gonçalves Vidal, obra publicada pela Autores e associados/Autêntica em 2011.

## As bases da Pedagogia Histórico-Crítica: o Materialismo Histórico Dialético

Saviani (2012), na obra *Pedagogia histórico-crítica e a luta de classes na educação escolar*, no capítulo “Marxismo educação e pedagogia”, traz à tona a questão de que para elaborar uma concepção de educação calcada no materialismo histórico dialético é necessário não se reter apenas nas passagens das obras de Marx e de outros que o sucederam, pois há que se considerar os fundamentos do materialismo histórico para a partir daí se interferir na educação, na pedagogia. Neste sentido, pensar uma pedagogia socialista está vinculado à concepção de conhecimento em Marx, que é, simultaneamente, indutivo e dedutivo, analítico e sintético, abstrato e concreto, lógico e histórico, em uma relação dinâmica, dialética. Cabendo assim a influência vista na pedagogia histórico-crítica.

O materialismo Histórico<sup>4</sup> desmistifica a inversão realizada pelos hegelianos, reconhece que as ideias e seu desenvolvimento são frutos da evolução material dos homens e que não existe, portanto, história das ideias, mas uma história vivida e construída por "homens vivos", que com sua luta por sobrevivência e subsequente vivência, desenvolve as relações de produção<sup>5</sup>.

Neste sentido o Materialismo Histórico-Dialético, então preconizado por Marx, tem em seus fundamentos: a interpretação da realidade; a visão de mundo; a práxis (prática articulada à teoria); a materialidade (organização dos homens em sociedade para a produção da vida); e a concreticidade (caráter histórico sobre a organização que os homens constroem através de sua história).

O princípio básico da lógica dialética é a contradição. O movimento dialético parte da realidade empírica (baseada na experiência, no real aparente, o objeto como se apresenta à primeira vista), para, por meio de abstrações (reflexões, teorias elaboração do pensamento), chegarem ao concreto pensado (compreensão elaborada do que há de

---

<sup>4</sup>O Materialismo Histórico Dialético surgiu a partir da publicação do Manifesto Comunista de 1848, por Karl Marx e Friedrich Engels (porém Marx já apresentara seus traços em 1847, em sua obra “A Miséria da Filosofia”). Essa tese foi formulada e utilizada também em outros livros de Marx (O 18 do brumário de Luís Bonaparte e O capital) e de Friedrich Engels (Socialismo utópico e socialismo científico), e por Rosa Luxemburgo e Lênin.

<sup>5</sup> Relações sociais de produção refere-se às formas estabelecidas de distribuição dos meios de produção e do produto, e o tipo de divisão social do trabalho numa dada sociedade e em um período histórico determinado. Para aprofundar esta discussão ver: Karl Marx – o capital – Crítica da economia política.

essencial no objeto-síntese de múltiplas determinações). Assim se processa o movimento do Método Dialético: Empírico-Abstrações-Concreto Pensado (real aparente-reflexões-real pensado). Prática-Teoria-Prática.

Nesta concepção da lógica dialética, o professor, para superar o senso comum que está arraigado no ambiente educacional, terá que fazer uma reflexão teórica para chegar à consciência filosófica. No seguinte movimento: parte do conhecimento da realidade empírica da educação; e por meio do estudo de teoria, movimento do pensamento, abstrações; chega à realidade concreta da educação, concreta pensada, realidade educacional plenamente compreendida. (GASPARIN e PETENUCCI, 2008).

A mudança dessas relações de produção e o desenvolvimento das mesmas é que geram as ideias, a filosofia, a religião, os valores morais, as leis, em suma, a mentalidade social; assim é a realidade material que determina as ideias e não ao contrário. Lombardi(2010), em sua tese de livre docência, destaca que desde o início Marx e Engels explicitaram as premissas de que partiram e que irão constituir o fundamento da materialidade ontológica e gnosiológica:

As premissas de que partimos não constituem bases arbitrárias, nem dogmas; são antes bases reais de que só é possível abstrair no âmbito da imaginação. As nossas premissas são os indivíduos reais, a sua ação e as suas condições materiais de existência, quer se trate daquelas que encontrou já elaboradas quando do seu aparecimento das que ele próprio criou. Estas bases são, portanto, verificáveis por vias puramente empírica. A primeira condição de toda a história da humanidade é evidentemente a existência de seres humanos vivos. O primeiro estado real que encontramos é então constituído pela complexidade corporal desses indivíduos e as relações a que ela obriga o resto da natureza. (...) Toda historiografia deve necessariamente partir dessas bases naturais e da sua modificação provocada pelos homens no curso da história. (Marx e Engels, (s.d). p.18-19 apud Lombardi, 2010, p.227)

Para Marx o materialismo histórico é a mentalidade social ou a "superestrutura social"<sup>6</sup> é fruto do desenvolvimento das relações materiais vividas e construídas pelos homens. Esse processo é dialético, marcado pelo antagonismo de classe presente na "infraestrutura social"<sup>4</sup>.

---

<sup>6</sup> Para Marx a base material ou econômica constitui a infraestrutura da sociedade, que exerce influência direta na superestrutura, ou seja, nas instituições jurídicas, políticas (as leis, o Estado) e ideológicas (as artes, a religião, a moral).

A proposição contida na introdução à Crítica da Economia Política, segundo a qual os homens tomam conhecimento dos conflitos de estrutura no terreno das ideologias, deve ser considerada como uma afirmação de valor gnosiológico e não puramente psicológico. (...) A estrutura e as superestruturas formam um “bloco histórico”, isto é, o conjunto complexo – contraditório e discordante – das superestruturas é reflexo do conjunto das relações sociais de produção. Disto decorre: só um sistema totalitário de ideologias reflete racionalmente a contradição da estrutura e representa a existência das condições objetivas para a inversão da práxis. Se se forma um grupo social 100% hegemônico ideologicamente, isto significa que existe 100% as premissas para a inversão da práxis, isto é, que o “racional” é real ativa e atualmente. O raciocínio se baseia sobre a necessária reciprocidade entre estrutura e superestrutura (reciprocidade que é precisamente o processo dialético do real). (Gramsci, 1986, p.52-53)

Observa-se, então, que o desenvolvimento das ideias não é fruto delas mesmas, mas das relações materiais históricas construídas pelos Homens. A mentalidade burguesa do séc. XIX é uma construção histórica fruto do desenvolvimento dos meios materiais de vida: os “meios de produção”.

Suchodolski (2002), contribuindo sobre as bases da pedagogia da existência e a pedagogia da essência<sup>7</sup>, coloca que a pedagogia da existência opõe-se à pedagogia da essência, ou seja, da mesma forma que não existe uma via de acesso da pedagogia da existência ao ideal, nenhum caminho liga a pedagogia da essência à vida. A crítica existencialista para as teorias cultural e metafísica, é clara, nenhuma delas concebe o homem como ser concreto, vivo, nas palavras de Suchodolski (2002): “em carne e o osso”, homem que pertence a um lugar, á(à) uma época da história.

No pensamento de Marx e Engels, a crítica aos hegelianos seria, portanto, a sistematização do materialismo histórico: a relação da filosofia com a vida e problemáticas sociais que afetam a situação do homem na sociedade burguesa.

Meu método dialético, por seu fundamento , difere do método hegeliano, sendo ele inteiramente oposto. Para Hegel, o processo

---

<sup>7</sup> Bogdan Suchodolski nasceu na Polônia em 1907, doutorou-se em filosofia pela Universidade de Varsóvia, foi desde 1958 diretor do instituto de ciências Pedagógicas da mesma universidade. Faleceu em 1992. Defendeu que é possível analisar a história do pensamento pedagógico firmado na essência do homem, e na existência. Essa perspectiva ofereceu abertura para uma compreensão e uma nova leitura das grandes doutrinas pedagógicas. Faz críticas ao positivismo e ao capitalismo.

do pensamento (...) é o criador do real, e o real é apenas sua manifestação externa. Para mim, ao contrário, o ideal não é mais do que o material transposto para a cabeça do ser humano e por ela interpretado(...) Em Hegel, a dialética está de cabeça para baixo. É necessário pô-la de cabeça para cima, a fim de descobrir a substância racional dentro do invólucro místico (Marx, 1982, p.16 e 17 apud Lombardi, 2008, p.xi)

Desta forma como a base do Marxismo é o materialismo histórico, a concepção de educação Marxista também se orienta pelo materialismo histórico.

Temos que considerar que a educação é uma atividade especificamente humana. Conforme afirma Saviani(2008), a origem do próprio homem está no entendimento da realidade humana, perspectiva em que devemos buscar o entendimento da educação.

Importante registrar que Marx faleceu em 14 de março de 1883, e Engels em 5 de agosto de 1895, pois com estes acontecimentos a concepção materialista dialética da história deixou de estar sob a vigilância direta de seus fundadores. A partir daí esta concepção sofreu um processo de desenvolvimento e de transformação, conforme as considerações de Lombardi(2008):

Caracterizado pela conformação de diversas tendências e escolas que estabeleceram graus variados de vinculação (teórico-metodológica e/ou político/ideológico) com pressupostos originários dos fundadores da concepção concomitante a esse processo de evolução da teoria marxista que marca igualmente a crítica à postura dogmática, equivocadamente denominada de crítica à “ortodoxia”, desde a última década do século XIX começaram a aparecer críticas sistemáticas ao marxismo e, no geral, de oposição aos seus pressupostos ontológicos e epistemológicos, bem como de crítica à seu corpo teórico ou com a relação a aspectos específicos das teorizações de Marx e Engels. (p.xxiii)

Lombardi(2008), na apresentação da obra Educação e marxismo, coloca uma questão para pensarmos o marxismo: pode-se considerar que a obra de Marx e Engels e o marxismo mantêm atualidade? Duarte(2012) também coloca um questionamento sobre o marxismo: O marxismo pode fundamentar uma pedagogia voltada à superação do capitalismo? Os autores colocam que estas questões não são novas e que os educadores e intelectuais brasileiros que têm se comprometido com uma pedagogia da classe trabalhadora têm se esforçado em responder estas questões de forma afirmativa, e que

Dermeval Saviani é um representante deste árduo trabalho na construção da P.H.C enquanto trabalho coletivo.

A educação para Marx não poderá ser pensada de forma independente ou desvinculada da realidade material do homem, mas as relações materiais devem ser pensadas como parte do processo de educação.

Nesta mesma análise Gramsci(1986, p.53), na obra concepção dialética da história, aponta que

Se a realidade é como nós conhecemos, e se nosso conhecimento modifica-se continuamente, isto é, se nenhuma filosofia é definitiva, mas sim historicamente determinada, é difícil imaginar que a realidade se modifique objetivamente com a nossa modificação; e é difícil admiti-lo não apenas o senso comum, como o pensamento científico. Na Sagrada Família, afirma-se que a realidade esgota-se inteiramente nos fenômenos e que além dos fenômenos nada existe: e assim o é, certamente.

Assim, notamos o materialismo histórico como base do processo educacional é a crítica à concepção de educação burguesa que não considera os educandos como homens concretos, síntese das relações sociais, mas como homens abstratos.

Saviani nos ilustra sobre a materialidade dos problemas educacionais brasileiros:

De acordo com estimativas relativas a 1970, "cerca de 50% dos alunos das escolas primárias desertavam em condições de semi-analfabetismo ou de analfabetismo potencial na maioria dos países da América Latina". Isto sem se levar em conta o contingente de crianças em idade escolar que sequer têm acesso à escola e que, portanto, já se encontram *a priori* marginalizadas dela. O simples dado acima indicado lança de imediato em nossos rostos a realidade da marginalidade relativamente ao fenômeno da escolarização. Como interpretar esse dado? Como explicá-lo? Como as teorias da educação se posicionam diante dessa situação? (Saviani, 2008, p.3)

Na concepção da P.H.C os problemas educativos deixam, portanto, de serem problemas gerais da humanidade e passam a ser trabalhados como problemas em um contexto histórico na sociedade, expondo a desigualdade social e a luta de classes.



E nesta perspectiva a educação não deve ser pensada em estabelecer ideais educativos (exemplo as pedagogias do aprender a aprender)<sup>8</sup>, sem reconhecer as etapas do processo de desenvolvimento histórico, mas deve trabalhar a educação nas relações materiais vividas pelo aluno concreto-real, por uma sociedade concreta

A pedagogia P.H.C pensada em suas bases teóricas deve nos levar a entender a História como processo expresso na divisão do trabalho, no surgimento da propriedade privada e de uma sociedade classista, na qual o Estado é seu representante. Marx em sua obra com Engels, *A ideologia Alemã* (1846), afirma que,

O cidadão honesto não se acalma antes de ter, preto no branco, a prova de que comprou legalmente a sua propriedade. Veja o consolo do cidadão berlinense diante de todos os apertos que o Estado lhe causa e de todos aos problemas com a policia: “sobre ideias há isenção de imposto!” A transformação da propriedade privada em propriedade do Estado se reduz, no final das contas, à concepção de que o burguês só possui como exemplar gênero “burguês”, cuja a síntese se chama Estado e dá a propriedade ao indivíduo feudo. Aqui, uma vez mais, a questão está de cabeça para baixo. Na classe burguesa, como em todas as classes, somente evoluem condições coletivas e universais aquelas condições pessoais nas quais os membros individuais da classe têm sua posse e vivem. (Marx e Engels, 1945-1846, p.347)<sup>9</sup>

Assim a P.H.C nos aponta uma compreensão dialética entre os interesses históricos de classe, nos quais se encontra o conhecimento sistematizado, síntese das relações sociais, consolidando uma revolução educacional.

Para Duarte(2012)<sup>10</sup>, existem vários tipos de revolução. O autor afirma que a revolução marxista é parte do processo de construção da sociedade socialista, entendida esta como uma transição ao comunismo. A revolução tem uma direção e isto requer

---

<sup>8</sup> Saviani na obra *História das ideias pedagógicas no Brasil*(2010), 2ª edição, fala sobre as impregnações “Neos” no interior da educação . O autor afirma que já no final da década de 1980 já se estabelecia as dificuldades crescentes enfrentadas pelas correntes pedagógicas de esquerda no contexto brasileiro. O lema “aprender a aprender” tão difundido na atualidade, remete ao núcleo de ideias pedagógicas escolanovistas. Desloca o eixo do processo educativo do aspecto lógico para o psicológico; dos conteúdos para os métodos, do professor para o aluno, do esforço para o interesse, da disciplina para a espontaneidade, configura-se um uma pedagogia em que o mais importante não é ensinar, e nem mesmo aprender algo, o importante é aprender a aprender, aprender a estudar, buscar conhecimentos.

<sup>9</sup> Quando nos referimos a esta obra “*A ideologia Alemã*”, estou utilizando a edição traduzida por Rubens Enderle, Nélcio Schneider, Luciano Cavini Martorano, publicação pela Bointempo em 2007, reimpressão em julho de 2012.

<sup>10</sup> Entrevista do Prof. Newton Duarte, *A Germinal-* publicado no livro *Pedagogia Histórico-crítica e luta de classes na educação escolar*, Capítulo 6: luta de classes, educação e revolução (2012).

busca de compreensão das mediações entre o presente (o capitalismo) e o futuro em longo prazo (o comunismo).

E a escola pode fazer esta revolução? Conforme Snyders (2005), a luta pela escola não pode estar separada das lutas sociais em seu conjunto, pressuposto da P.H.C quando pensamos a educação brasileira.

Certamente, não cabe á pedagogia fazer a Revolução; com certeza só haverá uma Sá(?) pedagogia numa sociedade Sá(?) – e a nossa não o é. Não apenas por esta razão evidente de que um poder conservador sempre se oporá a uma escola progressista e de que não é a escola que fará recuar o poder. Mas também porque o nível de democratização do ensino não pode notoriamente ultrapassar o nível de democracia do Estado. Uma escola progressista tem necessidade de ser apoiada pelo conjunto de uma sociedade progressista. (Snyders,2005,p.105)

A P.H.C. propõe um método enquanto proposição coletiva que se organiza da seguinte forma: 1) prática social inicial; 2) problematização; 3) instrumentalização; 4) catarse; 5) retorno à prática social. Na obra Uma didática para a pedagogia Histórico-crítica de Gasparin, que teve sua primeira edição em 2002, o autor explicita o método da P.H.C, o desafio era colocar uma didática para a P.H.C. O primeiro passo do método é a prática social inicial, este é o ponto de partida de todo o trabalho docente e evidencia que a prática social é comum a professores e alunos.

Para Schmied-Kowarzik (1974), os conceitos “teoria e “prática” provêm do grego. Na filosofia ática eles adquiriram seu significado atual em sua mútua interdependência e contraposição. A prática (prãgma) significa agir, em particular a atividade consciente no âmbito inter-humano, já teoria, (theoría) refere-se originalmente à viagem da delegação das festividades aos locais de sacrifícios, passando pela contemplação das ideias de Platão. A theoria se torna finalmente uma reflexão científica descolada de qualquer intenção prática concreta em Aristóteles. Assim, por prática, designa-se originalmente toda atividade humana diferenciada de qualquer comportamento natural.

A prática social, na didática da P.H.C, consiste, no primeiro contato que o aluno mantém com o conteúdo trabalhado pelo professor. Sendo a visão do aluno, sincrética, onde tudo de certa forma aparece como natural. Nesta fase, deve, então, o professor,

posicionar-se em relação à mesma realidade de maneira mais clara e, ao mesmo tempo, com uma visão mais sintética, a fim de conduzir o processo pedagógico com maior segurança e realizar o planejamento de suas atividades antecipadamente. Ao dialogar com seus alunos sobre o tema a ser estudado, mostrará a eles o quanto já conhecem sobre o assunto, evidenciando que a temática desenvolvida em sala de aula está presente na prática.

O segundo passo constitui o elo entre a prática e a instrumentalização, a problematização é o elemento-chave na transição entre prática e teoria. A problematização é o fio condutor de todas as atividades que os alunos desenvolverão no processo de construção do conhecimento. *A fase da instrumentalização* é o momento em que a síntese passa a síntese. Na instrumentalização o aluno e o professor efetivam o processo dialético de construção do conhecimento que vai do empírico ao abstrato chegando, assim, ao concreto, ao realizável. A próxima etapa é a *catarse*<sup>11</sup>, concepção que tem origem no pensamento de Gramsci.

O termo *catarse*. Pode-se empregar a expressão “*catarse*” para indicar a passagem do momento meramente econômico (ou egoísta-passional) ao momento ético-político, isto é, elaboração superior da estrutura em superestrutura na consciência dos homens. Isto significa, também, a passagem do “objetivo ao subjetivo” e da “necessidade à liberdade”. A estrutura, de força exterior que esmaga o homem, assimilando-o e o tornando passivo, transforma-se em meio de liberdade, em instrumento para criar uma nova forma ético-política, em origem de novas iniciativas. A fixação do momento “*catártico*” torna-se assim, parece-me, o ponto de partida de toda a filosofia da práxis; o processo *catártico* coincide com a cadeia de sínteses que resultam do desenvolvimento dialético. Recordar os dois pontos entre os quais oscila este processo: que nenhuma sociedade se coloca tarefas para cuja solução já não exista, ou estejam em vias de aparecimento, as condições necessárias e suficientes; e que nenhuma sociedade deixa de existir antes de haver expressado todo o seu conteúdo potencial. (Gramsci, 2006, p.314-315)

Na *catarse* podemos considerar este como o momento culminante do processo educativo, momento de mediação, à síntese, que é o momento em que o educando

---

<sup>11</sup> *Catarse* vem do grego *kátharsis*. Etimologicamente significa purgação, purificação, limpeza, ou ainda, significa igualmente o efeito moral e purificador da tragédia clássica, conceituado por Aristóteles, cujas situações dramáticas, de extrema intensidade e violência, trazem à tona os sentimentos de terror e piedade dos espectadores, proporcionando-lhes o alívio, ou purgação, desses sentimentos.

estrutura, em nova forma, seu pensamento sobre as questões que o conduziram à construção do conhecimento. E finalmente a prática social final que trás uma nova proposta de ação a partir dos conteúdos apreendidos.

Gasparin (2012) coloca que na obra citada, procurou operacionalizar as fases da P.H.C. buscando na teoria psicológica histórico cultural as bases para a elaboração dos conceitos científicos na escola. O autor enfatiza que essa teoria responde aos três grandes passos do método dialético de construção do conhecimento: prática - teoria-prática. Neste sentido defende que é viável a junção da P.H.C com a teoria Historico-Cultural . É importante destacar que diversos autores ligados a essa corrente e o próprio Dermeval Saviani (principal teórico dessa tendência), vem discutindo a necessidade de se construir a P.H.C de forma coletiva, agregando diferentes contribuições em diferentes campos da educação.

O quadro<sup>12</sup> abaixo demonstra as produções na direção da construção coletiva, da P.H.C, conforme a possibilidade de compreensão dos fundamentos filosóficos, psicológicos e didáticos na pedagogia histórico-crítica.

Caracterização geral da P.H.C	SAVIANI, D. Antecedentes, origem e desenvolvimento da pedagogia histórico-crítica. In: A. C. G. MARSIGLIA (Org.), <i>Pedagogia histórico-crítica: 30 anos</i> , p. 197-225. SAVIANI, D. Contextualização histórica e teórica da pedagogia histórico-crítica. In: D. SAVIANI, <i>Pedagogia histórico-crítica: primeiras aproximações</i> , p. 111-125. D. SAVIANI. <i>A pedagogia no Brasil: história e teoria</i> , Parte II: Perspectiva teórica.
Fundamentos filosóficos da pedagogia histórico-crítica	N. DUARTE. A Individualidade Para-Si: contribuição a uma teoria histórico-social da formação do indivíduo. N. DUARTE. Sociedade do Conhecimento ou Sociedade das Ilusões: quatro ensaios crítico-dialéticos em filosofia da educação. N. DUARTE, “Fundamentos da pedagogia histórico-crítica: a formação do ser humano na sociedade comunista como referência para a educação contemporânea”. In: A. C. G. MARSIGLIA (Org.), <i>Pedagogia histórico-crítica: 30 anos</i> , p. 7-21.

---

<sup>12</sup> Produções acadêmicas científicas produzidas a partir da Pedagogia Histórico-Crítica.  
Revista Intersaberes | vol.11, n.22, p.110 – 124 | jan.- abr. 2016 | 1809-7286

Fundamentos psicológicos da pedagogia histórico-crítica.	L. M. MARTINS. O desenvolvimento do psiquismo e a educação escolar: contribuições à luz da psicologia histórico-cultural e da pedagogia histórico-crítica. L. M. MARTINS, “Pedagogia histórico-crítica e psicologia histórico-cultural”. In: A. C. G. MARSIGLIA (Org.), <i>Pedagogia histórico-crítica: 30 anos</i> , p. 43-57.
Fundamentos didáticos da pedagogia histórico-crítica	J. L. GASPARIN. Uma didática para a pedagogia histórico-crítica. C. H. GERALDO. Didática de ciências e de biologia na perspectiva da pedagogia histórico-crítica
Contribuição da pedagogia histórico-crítica para o desenvolvimento da prática educativa: educação infantil e alfabetização	A. ARCE e L. M. MARTINS (Orgs.). Ensinando aos pequenos de zero a três anos. ARCE e L. M. MARTINS (Orgs.). Quem tem medo de ensinar na educação infantil? Em defesa do ato de ensinar. J. C. PASQUALINI. Princípios para a organização do ensino na educação infantil na perspectiva histórico-cultural: um estudo a partir da análise da prática do professor. J. C. PASQUALINI. “A educação escolar da criança pequena na perspectiva histórico-cultural e histórico-crítica”. In: MARSIGLIA, A. C. G. (Org.). <i>Pedagogia histórico-crítica: 30 anos</i> , p. 59-89. F. A. S. FRANCIOLI. Contribuições da perspectiva histórico-cultural para a alfabetização nas séries iniciais do ensino fundamental. BACZINSKI, Alexandra Vanessa de Moura. <i>A implantação oficial da pedagogia histórico-crítica na rede pública do estado do Paraná (1983-1994): legitimação, resistências e contradições</i> . Campinas: Autores Associados, 2011
Contribuição da pedagogia histórico-crítica para o desenvolvimento da prática educativa: educação estética.	N. B. P. FERREIRA, A catarse estética e a pedagogia histórico-crítica: contribuições para o ensino de literatura. N. DUARTE & S. DELLA FONTE. <i>Arte, conhecimento e paixão na formação humana: sete ensaios de pedagogia histórico-crítica</i> , 2010.
Problemas e perspectivas da pedagogia histórico-crítica	D. SAVIANI, e N. DUARTE. <i>Pedagogia histórico-crítica e luta de classes na educação escolar</i>

A P.H.C. e seus fundamentos são de importância impar para se pensar uma educação transformadora, fundamentada nos clássicos como Marx, Gramsci, elaborada

Revista Intersaberes | vol.11, n.22, p.109 - 124 | jan.- abr. 2016 | 1809-7286

de forma coletiva a se refletir o homem historicamente construído, dentro dos processos históricos. A base então esta sustentada no materialismo histórico dialético, base para que ocorra a apropriação do conhecimento. Nesta teoria, a luta de classes e a prática social são elementos primordiais para o desenvolvimento da educação e práticas escolares.

Esta teoria nos possibilita ainda o combate às políticas centralizadoras e desiguais no interior da educação, pois através da P.H.C. temos o tom de uma educação transformadora, socialista.

O grande problema é como fazer esta teoria pedagógica chegar aos espaços escolares? A capacitação e formação de professores? Em tempos que vemos as pedagogias do aprender a aprender tomando forma nos discursos acadêmicos e escolares, a resposta é a organização, a P.H.C não é a redenção dos problemas escolares, mas a manifestação de uma organização em que se pensa o ato educativo no desenvolvimento integral do homem, dentro de um processo historicamente construído, na perspectiva de rompimento com as propostas lideradas pelo capital.

Quando se fala em P.H.C vemos que muitos querem uma “receita” pronta de como fazer, isto não existe, mesmo com a organização do método e seus passos temos que ter claro que ação da P.H.C é coletiva e não compartimentada em um manual esquemático de como fazer acontecer a transformação social e educativa. A necessidade principalmente é estabelecida conforme as palavras de Gramsci,

Instrui-vos porque teremos necessidade de toda a nossa inteligência. Agitai-vos, porque teremos a necessidade de todo o nosso entusiasmo. Organizai-vos, porque teremos necessidade de toda a nossa força. (citado por SAVIANI,2012)

## REFERÊNCIAS

ARCE, Alessandra e MARTINS, Lígia Márcia (Orgs.). **Quem tem medo de ensinar na educação infantil? Em defesa do ato de ensinar**. Campinas: Alínea, 2007.

BACZINSKI, Alexandra Vanessa de Moura. **A implantação oficial da pedagogia histórico-crítica na rede pública do estado do Paraná (1983-1994): legitimação, resistências e contradições**. Campinas: Autores Associados, 2011.

BACZINSKI, Alexandra Vanessa de Moura. “A pedagogia histórico-crítica n o estado do Paraná: continuidade e rupturas”. In: MARSÍGLIA, Ana Carolina Galvão e BATISTA, Eraldo

Leme (Orgs.). **Pedagogia histórico-crítica: desafios e perspectivas para uma educação transformadora**. Campinas: Autores Associados, 2012, p. 37-57.

BARROCO, S. M. S. “**Pedagogia histórico-crítica, psicologia histórico-cultural e educação especial: em defesa do desenvolvimento da pessoa com e sem deficiência**”. In: A. C. G. MARSIGLIA (Org.), **Pedagogia histórico-crítica: 30 anos**. Campinas: Autores Associados, 2011.

BUENO, Juliane Zacharias. “**Ética marxista e formação moral na escola**”. In: A. C. G. MARSIGLIA (Org.), **Pedagogia histórico-crítica: 30 anos**. Campinas: Autores Associados, 2011, p. 91-100.

CURY, Carlos Roberto Jamil. **Educação e contradição: elementos metodológicos para uma teoria crítica do fenômeno educativo**. São Paulo: Cortez/Autores Associados. 1985.

DUARTE, Newton. **A Individualidade Para-Si: contribuição a uma teoria histórico-social da formação do indivíduo**. Campinas: Autores Associados, 1993.

DUARTE, Newton. **Sociedade do Conhecimento ou Sociedade das Ilusões: quatro ensaios crítico-dialéticos em filosofia da educação**. Campinas: Autores Associados, 2003.

DUARTE, Newton & DELLA FONTE, Sandra. **Arte, conhecimento e paixão na formação humana: sete ensaios de pedagogia histórico-crítica**. Campinas: Autores Associados, 2010.

DUARTE, Newton. A Pedagogia Histórico-Crítica e o Marxismo - Equívocos de (mais) uma crítica à obra de Dermeval Saviani. In: SAVIANI, Dermeval e DUARTE, Newton. **Pedagogia histórico-crítica e luta de classes na educação escolar**. Campinas: Autores Associados, 2012.

DUARTE, Newton. Luta de Classes, Educação e revolução. In: SAVIANI, Dermeval e DUARTE, Newton. **Pedagogia histórico-crítica e luta de classes na educação escolar**. Campinas: Autores Associados, 2012.

FACCI, Marilda Gonçalves Dias. **Valorização ou esvaziamento do trabalho do professor? Um estudo crítico-comparativo da teoria do professor reflexivo, do construtivismo e da psicologia vigotskiana**. Campinas: Autores Associados, 2004.

GASPARIN, João Luiz. **Uma didática para a pedagogia histórico-crítica**. Campinas: Autores Associados, 2002.

GERALDO, Antonio Carlos Hidalgo. **Didática de ciências e de biologia na perspectiva da pedagogia histórico-crítica**. Campinas: Autores Associados, 2009.

GRAMSCI, Antonio. **Os intelectuais e a organização da cultura**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1968.

GRAMSCI, Antonio. **Concepção dialética da história**, 2ª ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1978.

LOMBARDI, José Claudinei, SAVIANI, Dermeval. **Marxismo e Educação: debates contemporâneos**. 2ª ed. Campinas: Autores Associados: HISTEDBR, 2008.

MANACORDA, Mario Alighiero. **Marx e a pedagogia moderna**. Campinas: Alínea, 2007.

MANACORDA, Mario Alighiero. **O princípio educativo em Gramsci**. Campinas: Alínea, 2008.

MARSÍGLIA, Ana Carolina Galvão (Org.). **Pedagogia histórico-crítica: 30 anos**. Campinas: Autores Associados, 2011.

MARSÍGLIA, Ana Carolina Galvão e BATISTA, Eraldo Leme (Orgs.). **Pedagogia histórico-crítica: desafios e perspectivas para uma educação transformadora**. Campinas: Autores Associados, 2012.

MARTINS, Lígia Márcia. **A formação social da personalidade do professor: um enfoque vigotskiano**. Campinas: Autores Associados, 2007.

MARTINS, Lígia Márcia. **O desenvolvimento do psiquismo e a educação escolar: contribuições à luz da psicologia histórico-cultural e da pedagogia histórico-crítica**. Bauru: UNESP, Tese de Livre-Docência, 2012.

MARX, Karl. **Contribuição para a crítica da economia política**. Lisboa: Estampa, 1973.

MARX, Karl, ENGELS, Fridrich. **A ideologia alemã**. São Paulo: Boitempo, 2007.

MAZZEU, Lidiane Teixeira Brasil. “A política educacional e a formação de professores: reflexões sobre os fundamentos teóricos e epistemológicos da reforma”. In: MARSÍGLIA, Ana Carolina Galvão (org.). **Pedagogia histórico-crítica: 30 anos**. Campinas: Autores Associados, 2011, p. 147-167.

PASQUALINI, J. C. “A educação escolar da criança pequena na perspectiva histórico-cultural e histórico-crítica”. In: MARSÍGLIA, A. C. G. (Org.). **Pedagogia histórico-crítica: 30 anos**. Campinas: Autores Associados, 2011, p. 59-89.

SAVIANI, Dermeval e DUARTE, Newton. **Pedagogia histórico-crítica e luta de classes na educação escolar**. Campinas: Autores Associados, 2012.

SCHMIED-KOWARZIK, W. **Pedagogia dialética**. São Paulo: Brasiliense, 1983